

No topo da carreira

Há 51 anos no Edifício Itália, onde ingressou ainda durante as obras, Albertino Gonçalves é um dos zeladores mais antigos em atividade na capital

Na década de 60, São Paulo vivia um momento fervilhante. Projetos grandiosos como o da criação do Parque do Ibirapuera (1954) tinham surgido anos antes no cenário, e outros que ajudariam a mudar a cara da metrópole começavam a sair das pranchetas, caso do Copan, concluído em 1966. As oportunidades desse canteiro de obras atraíram para cá gente como Albertino Gonçalves, um baiano criado em Ourinhos, no oeste paulista, que decidiu se candidatar à vaga de eletricitista na construção de um arranha-céu na esquina das avenidas Ipiranga e São Luís, o futuro Terraço Itália. Ao ser inaugurada, em 1965, a estrutura se tornaria a maior da cidade, marco que durou apenas até o ano seguinte, com a chegada do Palácio W. Zazur, conhecido como Mirante do Vale, com 170 metros (10 a mais que o Itália).

Passados 51 anos, Gonçalves continua a trabalhar diariamente no prédio que ajudou a levantar. À frente da zeladoria do condomínio desde 1976, o homem tranquilo de 72 anos coordena uma equipe de mais de oitenta pessoas, entre porteiros, seguranças, faxineiros e ascensoristas. “Quando cheguei aqui, jamais poderia supor que o edifício se tornaria tão importante para a cidade”, diz. Entre visitantes famosos que viu por ali, está a rainha Elizabeth II, em 1968. “Foi colocado um tapete vermelho na calçada para ela caminhar, e viemos com nossas melhores roupas”, recorda.

Responsável pela área comum, de cerca de 11 000 metros quadrados, considerando corredores, escadas e o



Gonçalves e a fachada do prédio (abaixo): tapete vermelho para Elizabeth II

VETERANO DO CENTRO

Idade: 72 anos

Origem: baiano de Andaraí, criado desde os 7 anos em Ourinhos, no interior paulista

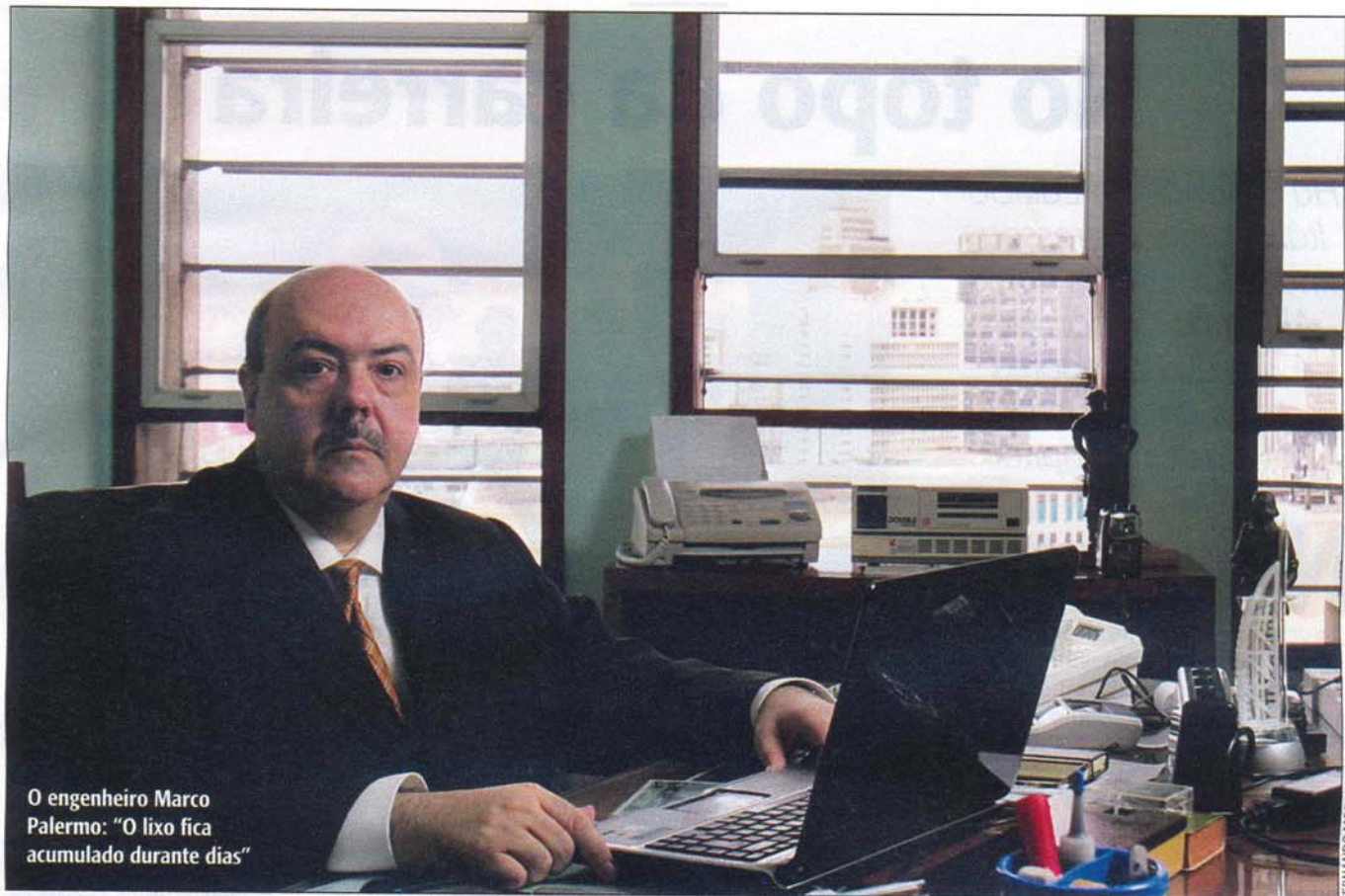
Trajectoria no prédio: contratado como eletricitista durante as obras, após a inauguração do edifício virou o encarregado-geral de manutenção. Em 1976, foi promovido a zelador. Aposentou-se há 26 anos, mas não pensa em parar

Formação: 2º grau completo

Equipe: mais de oitenta pessoas, entre porteiros, ascensoristas e seguranças

Salário: cerca de 5 000 reais





O engenheiro Marco Palermo: "O lixo fica acumulado durante dias"

FERNANDO MORAES

CIDADE VERTICAL

Alguns números sobre o segundo prédio mais alto de São Paulo

160 metros

de altura (só perde para o Palácio W. Zarzur, com 170 metros)

46 pavimentos

140 empresas
instaladas

8 200 pessoas

circulam por ali diariamente

31 000 reais

é o valor mensal da conta de água*

23 500 reais

é o gasto mensal com energia elétrica*

410 000 reais

é o custo anual do serviço de limpeza

* Referente a novembro de 2012

saguão, Gonçalves tem na ponta da língua qualquer dado sobre o empreendimento: número de elevadores (dezenove), de ascensoristas (36, em turnos variados), de cartas que chegam por dia (cerca de 3000). "Como ele trabalhou na construção, sabe todos os detalhes da estrutura", afirma Paulo Bom, da administradora Adaplan, responsável pelo condomínio. O conhecimento histórico é alimentado com uma rotina disciplinada: uma vez por semana, o zelador sobe até o topo e vai descendo todas as escadas, vistoriando cada pavimento. "Anos atrás, fazia isso diariamente, mas o fôlego diminuiu", admite Gonçalves, que mora com a mulher em Atibaia, a 67 quilômetros da capital, e se desloca de lá até São Paulo de ônibus fretado (gasta três horas, somando a ida e a volta).

Como é natural em um lugar por onde passam a cada dia 8 200 pessoas, o zelador não agrada a todos. Dono de um conjunto no 21º andar, o engenheiro Marco Palermo se queixa da limpeza das áreas comuns. "O lixo fica acumulado du-

rante dias, sem ser recolhido", afirma. O advogado Ricardo Trotta, proprietário de um escritório no mesmo pavimento, acredita que o prédio precisa de alguém mais novo para a função. "Não vejo com bons olhos uma pessoa ficar tanto tempo em um cargo", critica. No momento, Trotta move uma ação para destituir o chefe direto de Gonçalves, o síndico Lorenzo Del Maffeo. Um dos motivos do processo é o salário mensal de cerca de 25 000 reais do síndico, remuneração que gera espanto dentro e fora dos corredores do edifício.

Questionado sobre as críticas, o zelador desconversa. "Ninguém nunca falou nada para mim", diz o discreto profissional, que em mais de meio século no complexo apenas uma vez almoçou, ao lado de outros empregados, no restaurante Terraço Itália, o mais conhecido inquilino de lá, no 41º andar, com sua deslumbrante vista da capital. Ele não pensa em repetir a experiência. "Eu ficaria pouco à vontade, pois não é ambiente para mim", justifica.

JÚLIA GOUVEIA